

## Entrevista com Samuel Goldman

por Gabriel Romero Lyra Trigueiro

### **Gabriel Romero Lyra Trigueiro**

é doutorando em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: gabrielromerotrigueiro@gmail.com

Traduzido por Thiago Nasser

Samuel Goldman recebeu seu Ph.D. em Ciência Política na Universidade de Harvard, onde escreveu sua tese, *The Shadow of God: Strauss, Jacobi, and the Theologico-Political Problem*, sobre o argumento de Leo Strauss a respeito de que regimes seculares carecem de “autoridade normativa e fundacional”, logo, podem facilmente degenerar em sistemas anárquicos e despóticos.

Os escritos de Goldman sobre política, religião, filosofia, educação e cultura já apareceram em periódicos como *The New Criterion*, *The Wall Street Journal* e *First Things*. Hoje em dia, é colaborador sênior da renomada *The American Conservative*; além disso ocupa o cargo de professor assistente do departamento de Ciência Política da George Washington University (GWU).

Em 17/06/2015, tive o prazer e a honra de encontrá-lo pessoalmente, em seu gabinete na GWU, para uma conversa a respeito do movimento conservador norte-americano.

Naquela oportunidade, as questões que apresentei estavam especialmente circunscritas à pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado – a respeito das inúmeras cisões e embates travados entre dois segmentos específicos da tradição conservadora dos EUA: neoconservadores e paleoconservadores.

De volta ao Brasil, recebi a feliz proposta de publicar a conversa na Revista Estudos Políticos. No entanto, eu e o professor Goldman julgamos que seria mais interessante prepararmos uma nova entrevista, com perguntas mais amplas, de alcance menos restrito, voltadas aos interessados em teoria e filosofia política – uma vez que o material anterior estava excessivamente pautado por questões de interesse particular à tese.

Na entrevista que se segue, o professor Goldman fala não apenas sobre sua própria trajetória intelectual, mas igualmente sobre algumas das particularidades mais interessantes e complexas da tradição filosófica e política conservadora a partir da experiência cultural norte-americana.

### **Gabriel Trigueiro**

Você poderia falar um pouco sobre sua educação política e suas principais influências intelectuais?

### **Samuel Goldman**

Eu me interessei pelo conservadorismo quando era estudante de graduação no final dos anos 1990s. Em parte era um tentativa de provocar as pessoas. Na época, cortes moicanos e *piercings* de nariz tinham ficado ultrapassados – pelo menos nos círculos em que cresci. Se você realmente quer criar climão no jantar de Ação de Graças, tente colocar uma gravata borboleta e citar Reagan!

Mas não era apenas provocação. Agradava-me o elitismo cultural que encontrava em autores como Allan Bloom. O argumento de Bloom de que livros de verdade e arte séria merecem mais atenção do que qualquer bobagem populista me impressionava. Bloom também mostrou como Platão, Aristóteles, Rousseau ou Nietzsche são importantes para a gente hoje. Apesar de discordar de várias interpretações de Bloom, sua insistência na relevância perene da filosofia. Também ficava impressionado com o que compreendia ser o realismo dos neoconservadores que reconheciam que boas intenções podem ter consequências perversas, e que governos devem se esforçar para prover bens públicos básicos, sobretudo a segurança de pessoas e propriedade antes de se aventurar em áreas mais complicadas. O sucesso de Rudy Giuliani em restaurar a ordem a Nova Iorque parece confirmar essa sabedoria. Mais ou menos nessa época, trabalhei como estagiário no The Manhattan Institute, que servia como espécie de banco de inteligência para Giuliani.

Com essas influências, você não ficaria surpreso se dissesse que eu apoiei de forma entusiástica a Guerra do Iraque, que começou bem quando começava minha pós graduação em ciência política. O fracasso na realização de qualquer um dos objetivos prometidos me chocou, particularmente porque o resultado foi muito contrário ao que imaginava serem os insights neoconservadores centrais.

Então em meados dos anos 2000 comecei a estudar tradições alternativas do pensamento conservador para descobrir o que dera errado. Isso me levou ao *The American Conservative*.

### **Gabriel Trigueiro**

Você pode falar sobre a criação do *The American Conservative* e seu papel no debate político americano?

### **Samuel Goldman**

A *The American Conservative* foi criada em 2002 como um fórum para conservadores e libertários que se opunham à guerra no Iraque. A revista foi organizada e financiada por Pat Buchanan e Taki Theodoracopoulos. O primeiro editor foi Scott McConnell, que havia trabalhado na New York Post. Desde 2010, a revista está nas mãos habilidosas de Daniel McCarthy.

A TEC é comumente descrita como “paleo-conservadora”. Há vinte anos isso fazia algum sentido, mas hoje não sei se ajuda muito. Seria mais preciso dizer (como David Brooks já observou) que a maioria de autores que contribuem para a TAC são críticos do “grande” e da uniformidade na política e sociedade. De modo geral, preferimos decisões e instituições regionais no lugar das nacionais.

Isso não implica em “governo pequeno”, pelo menos não para mim. Considere o experimento de Vermont com o sistema de saúde do *single payer*. Não funcionou, mas foi um experimento válido em federalismo.

Contribuidores da TAC também tendem dar mais atenção às consequências do capitalismo que conservadores do *mainstream*. Como Marx observou no Manifesto Comunista, a comunidade local e a autoridade tradicional não possuem boa fortuna em sociedades em que tudo possui um preço. Apesar de ser um homem da esquerda, Christopher Lasch é uma inspiração nesse ponto.

Por fim, nossos contribuidores são em sua maioria críticos na política externa militarizada dos Estados Unidos e o aparato de segurança nacional que o sustenta. Alguns chamam isso de isolacionismo, mas ninguém está propondo que o Estados Unidos se retire do resto do mundo. A verdadeira pergunta é quais são termos de relação com o resto do mundo que a América deve adotar.

Não posso falar por outros autores da revista, muitos dos quais são mais especialistas nesses assuntos do que eu. Mas eu estou buscando uma política externa mais modesta com foco maior em diplomacia do que na violência e que se inspira no chamado “realismo clássico” que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial.

### **Gabriel Trigueiro**

Qual era o principal apelo filosófico e intelectual da tradição conservadora para você? Esse apelo continua a existir hoje?

### **Samuel Goldman**

Para mim, o insight conservador central é a limitação humana ou, para usar um termo mais pomposo, a finitude. Não sabemos o tanto quanto achamos. E é difícil agir de maneira que reflitem o que de fato sabemos. Os cristãos também articulam esses limites em termos do pecado. Eu não sou cristão. Mas esse me parece um termo teológico que vai além da refutação empírica.

Um das consequências da consciência dos limites do conhecimento humano e do auto-controle é um ceticismo quanto à possibilidade de progresso. Nossa tecnologia é bem melhor que a dos nossos antepassados. Mas não acho que sejamos pessoas melhores em qualquer sentido mais grandioso. Afinal, ainda somos seres humanos. Isso significa que tendemos a agir irresponsavelmente, a colocar nossos próprios interesses acima dos outros e nos deixamos ser manipulados por homens sem escrúpulos.

É por isso que precisamos de hierarquias e do governo, para impor limites à loucura humana. E embora as estruturas de autoridades que herdamos nunca sejam perfeitas, é bem raro que sejam ruins a ponto de ser melhor derrubá-los do que preservá-los. Parte do problema é que é fácil criticar, mas é muito difícil desenvolver, de forma compreensiva, alternativas melhores. Essa é a dificuldade com Marx, ótimo para apontar as contradições do capitalismo, mas fraco em na proposição de um substituto.

Portanto, tendo a enxergar a ordem e a estabilidade como virtudes centrais de instituições sociais. Elas não necessariamente se sobrepõem a outras considerações, inclusive a justiça. Mas elas precisam ser levadas em conta. Liberais filosóficos - sejam de matiz libertária ou progressiva - tendem a ignorar isso.

Outro grande insight do conservadorismo, cuja origem remete a Aristóteles, é que a sociedade antecede o indivíduo. Não nascemos no estado de natureza e depois temos decidimos se vamos cooperar com outros de acordo com certas regras. Somos produzidos e formados por uma comunidade particular, da qual podemos fugir mas nunca completamente apagar (pelo menos não sem grandes consequências psicológicas). A cultura importa tanto quanto e frequentemente mais que a vontade.

Por fim, compartilho da desconfiança conservadora quanto a princípios abstratos. Isso surge da ideia da limitação: é extremamente improvável que seremos capazes de apreender toda a verdade de uma vez por todas. E quaisquer elementos da verdade que garimparmos serão informados pela comunidade sociedade e tempo em que vivemos, assim como nossa própria razão. Assim, a justificação parcial de instituições e práticas é o único tipo de justificativa que teremos.

20

### **Gabriel Trigueiro**

Você pode falar um pouco sobre a importância de Edmund Burke no panteão intelectual e político do movimento conservador americano?

### **Samuel Goldman**

Penso que Burke é mais um totem que uma influência real. Como Burke explicitamente defende que a ordem social descende do feudalismo, os americanos precisam ser extremamente seletivos na hora de buscar inspiração em suas ideias. Nos anos 1950, Russell Kirk alavancou Burke como pai da tradição intelectual conservadora na América. Cinquenta anos antes, Burke já contava com fãs como Woodrow Wilson e Theodore Roosevelt, a quem agradava a ideia de reformas calcadas nos hábitos empíricos e disposições da sociedade, e não em princípios abstratos.

Trata-se provavelmente de uma apropriação errônea de Burke, porém reflete a dificuldade americana em ser “burkeano”. O mesmo problema se vê pelo outro lado na interpretação de Burke como um jusnaturalista. Isso permite que alguns conservadores resgatem Burke de Leo Strauss, que o acusou de relativista.

Para americanos, creio que Tocqueville seja uma fonte mais fértil que Burke. Isso porque Tocqueville toma como ponto de partida a ausência na América de uma herança medieval, à qual Burke dava tanta importância. Tocqueville compreende que americanos não irão e nem conseguiriam responder a apelos à tradição pela tradição – os direitos dos concidadãos ingleses (*Englishmen*), a “trama abençoada” e assim em diante. À esquerda e direita, não conseguimos resistir falar sobre princípios mais abstratos de liberdade e igualdade. O truque é evitar que esses elementos de crença seja totalmente abstraídos da cultura e da história.

### **Gabriel Trigueiro**

Quais são as peculiaridades do conservadorismo americano em relação à tradição mais ampla anglo-saxã?

### **Samuel Goldman**

O conservadorismo americano depende fortemente da ideia de direitos naturais. O papel dessa ideia é comparativamente menor no pensamento inglês e praticamente nulo no conservadorismo continental. Isso deve-se em grande medida ao papel do discurso de direitos naturais durante a Guerra da Independência e o debate que precedeu

à Constituição. “Conservar” a tradição política americana é conservar a ideia de direitos naturais.

21

Nesse sentido, poder-se-ia argumentar que os conservadores americanos de conservadores nada têm – na verdade são liberais. Há um dose de verdade nisso, que todavia necessita ser qualificada. A maioria dos conservadores americanos são liberais *conservadores* na medida em que enxergam direitos naturais e contrato social como um modelo de legitimidade política – mas não de autoridade em si. O teórico político Peter Lawler chama isso de “deixar o Locke dentro da cofre” [N.T. em inglês, *keeping Locke in the lock*, fazendo trocadilho, por homofonia].

Conservadores americanos também tendem a atribuir direitos naturais a Deus. Alguém (esqueci quem) escreveu que conservadores são pessoas que acreditam que os primeiros dois parágrafos da Declaração de Independência são literalmente verdadeiros, enquanto que progressistas os enxergam como metáforas.

Sempre houve americanos que se aproximaram mais a estios europeus de conservadorismo. Falo de figuras como Henry Adams. Mas eles geralmente eram marginais na vida política americana. Como Allan Bloom apontou, se você tem que ser um bufão ou azedume para ser um verdadeiro crítico da democracia na vida americana. De novo, é por esse motivo que Tocqueville é, provavelmente, nosso guia mais sábio, provavelmente.

### **Gabriel Trigueiro**

Um estudo clássico do conservadorismo americano, “The Conservative Intellectual Movement” [“O Movimento Intelectual Conservador”], escrito pelo renomado historiador George H. Nash ainda é uma chave válida de interpretação? Quais suas forças e fraquezas?

### **Samuel Goldman**

O livro ainda é o melhor no assunto. Sua principal limitação está indicada no título: é sobre o conservadorismo como movimento intelectual. Mas essa é apenas parte da história. Sempre houve intelectuais conservadores na América, ainda que em posições marginais. Mas somente após a Segunda Guerra surgiu um movimento de massa que se autodenominasse conservador.

Para entender com isso aconteceu é importante descer das alturas da teoria política. A maioria dos apoiadores de Taft, Goldwater e Reagan não eram intelectuais. Eles tiravam suas ideias de panfletos, revistas, sermões e outras mídias “populares”. E é claro que sua decisões de voto não eram tomadas em abstrato de suas próprias vidas. Transformações políticas, sociais e econômicas entre 1945 e 1965 também foram cruciais.

Até o momento, acadêmicos progressistas têm feito um trabalho melhor na decifragem desse material que conservadores, que normalmente estão presos fazendo história intelectual. [O livro] *Before the Storm* [Antes da Tempestade] é um esforço pioneiro nesse projeto (os volumes subsequentes na série de Perlstein me impressionaram menos).

**Gabriel Trigueiro**

22

Em passagem memorável da história do movimento conservador, Irving Kristol, então editor da revista política Encounter, rejeitou um artigo do filósofo Michael Oakeshott. Ele justificou-se dizendo que o argumento de Oakeshott representava uma variante em demasia secular do conservadorismo, logo “incompatível” com a tradição americana. Como você interpreta essa afirmação? A ideia de transcendência e até mesmo o papel de Deus é negociável no conservadorismo, ou deve ser interpretada como valor absoluto?

**Samuel Goldman**

Este é um bom exemplo da abordagem americana em ação. Os americanos, falando em termos gerais, não se deixam levar muito por apelos à tradição e precedentes. Nossa tradição política é afeita a princípios grandiosos, muitas vezes ancorados na teologia. Basta ver, além da Declaração [De Independência] a o segundo discurso inaugural de [Abraham] Lincoln.

Isso apresenta consequências boas e ruins. Por um lado, nenhum político britânico teria que escrever algo parecido com o discurso de Lincoln, que é por demais grandioso, mora e metafísico em porções iguais. Por outro lado, os americanos possuem o que Tocqueville descreveu com um gosto por ideias gerais. Eles não gostam da ideia de que certas práticas, hábitos e instituições podem ser boas para eles, mas não tão adequadas para outros. Não – eles precisam estar certos em relação a *todos*.

Essa é parte da razão pela qual o conservadorismo à la Oakeshott não faz tanto sentido por aqui. É hesitante demais, modesto demais, inglês demais. Americanos que falam dessa maneira me lembram um pouco de pessoas que se fantasiam como os personagens do [seriado] Downton Abbey. É uma espécie de fantasia intelectual.

O problema é que verdades universais do tipo que os americanos gostam requerem lastro pesado. Poucos creem ser possível justificar elas filosoficamente. Logo a religião se torna a fonte mais óbvia de autoridade. Mas depender da teologia dessa maneira cria o risco de tornar o conservadorismo numa forma de religião civil do tipo descrita por Maquiavel ou Rousseau.

Neoconservadores como Kristol são frequentemente criticados por isso. Apesar de ser um judeu secular, ele gostava de invocar a fé cristã quando era conveniente. Mas Cristãos também são igualmente culpados por identificarem a América e sua tradição política com o divino – e são muito mais influentes quando o fazem. Tem havido recentemente uma reação contra essa tendências em círculos evangélicos.

**Gabriel Trigueiro**

Na segunda metade do século XX, havia algumas figuras chave no conservadorismo americano – William Buckley Jr. e Russel Kirk, por exemplo. Hoje, existe algo equivalente ou o debate está mais fragmentado?

**Samuel Goldman**

23

As coisas estão bem mais diversificadas hoje em dia. Em parte por causa da internet, não temos mais aquelas revistas ou escritores que “todo mundo” lê. O surgimento da Fox News também foi extremamente nocivo. Apesar de sempre terem existido “comentaristas” – Walter Lippman foi talvez o primeiro – a televisão torna comentaristas políticos em figuras do entretenimento. Claro que Buckley também era uma, pelo menos comparado a Kirk. Mas [o programa televisivo] *Firing Line* era um seminário de pós-graduação comparado ao circo de absurdos que vemos hoje na televisão.

**Gabriel Trigueiro**

O senhor poderia sugerir livros canônico e interpretações recentes interessantes do pensamento conservador?

**Samuel Goldman**

*Revisited Conservatism* [Conservadorismo Revisitado] de Peter Viereck é um clássico pouco valorizado. Nem todos concordariam com sua defesa do “socialismo” como princípio conservador. No entanto, Viereck oferece um importante lembrete de que conservadores foram historicamente céticos do capitalismo. *Conservatism: Dream and Reality* [Conservadorismo: Sonho e Realidade], de Robert Nisbett também merece mais atenção. Assim como Viereck, Nisbet era um crítico da ênfase quase fetichista no individual que caracteriza boa parte do conservadorismo americano. Mais recentemente, como disse, Perlstein permite entrever um pouco do meio político do qual surgiu o movimento conservador americano. Apesar de um progressista ela não deixa de ter simpatia pelo movimento Goldwater.

**Gabriel Trigueiro**

Tendo em vista a recente tragédia de Charleston, você poderia falar brevemente sobre o papel do Sul na imaginação e identidade da tradição conservadora?

**Samuel Goldman**

Robert Nisbet afirmou em ensaio autobiográfico que todo conservadorismo americano começa com uma admiração pelo Sul. Exagero. Mas uma afinidade pelas coisas do Sul é um veio importante no pensamento conservador americano. Isso pode ser traçado de volta até a Guerra da Independência. A filosofia lockeana à qual muitos conservadores se referem teve maior influência na parte superior do Sul.

Há outra vertente do pensamento político americano que deriva dos puritanos, que enfatiza justiça e igualdade acima de direitos de propriedade. Na prática, no entanto, ela tem assumido contornos mais progressistas do que conservadoras. Provavelmente o mais perto que você pode chegar de um conservador ianque é John Quincy Adams, que entusiasticamente tomou partido de Burke no grande debate com Tomas Paine. No entanto, ele foi derrotado por Andrew Jackson, cujos apelos ao populismo, governo



pequeno e religiosidade provinciana se parecem mais com o conservadorismo moderno do que o republicanismo moralista de Adams.

24

A conexão com o Sul tem sido politicamente problemática desde, pelo menos, quando os Estados Unidos lutaram uma guerra mundial em nome da democracia. Nunca foi moralmente aceitável admirar uma sociedade baseada na supremacia branca. Desde a Segunda Guerra Mundial tem sido cada vez menos socialmente aceitável.

Isso criou um desafio para conservadores que admiram o Sul. Uma forma de lidar com isso é reescrever a história para minimizar o papel da escravidão racismo. Quando pessoas falam de “herança e não ódio” é a isso que referem.

Mas a estratégia do sim à herança e não ao ódio não funciona. Uma rápida pesquisa das declarações de secessão de vários estados do Sul mostra que a supremacia branca é a razão de ser dos estados Confederados, o que persistiu na segregação. De algumas maneiras, esses acontecimentos acabam por sustentar o ceticismo conservador quanto ao progresso. A supremacia branca estava mais profundamente entranhada intelectual e politicamente dos anos 1840 até 1940 do que durante o período colonial ou no começo da república.

A tentativa de ungir figuras do movimento de direitos civis como Martin Luther King como conservadores por acidente também não é lá muito convincente. King era um Cristão convicto e um defensor qualificado da tradição política americana, o que o distingue da esquerda multicultural de hoje. Mas não creio que ele possa ser descrito de forma justa como um conservador. Os principais conservadores dos anos 1960 certamente não pensavam assim – leia os editoriais na *National Review* da época para ver.

Então os conservadores tinham que encontraram maneiras de reabilitar tradições do Sul que não dependem de distorções ideológicas. Não pode ser tão difícil quanto parece. O recente retorno migratório de negros do norte de volta para o sul sugere que há elementos da vida no sul que pode ser atrativos para eles, inclusive o fato do Sul ser mais racialmente integrado do que o Norte. Deve-se enfatizar isso.

Outra estratégia é encontrar fontes alternativas para o pensamento e prática conservadora. Há fascinante porém ignorada tradição jeffersoniana no Upper Midwest, por exemplo. Não é coincidência que essa tradição também se aproxima muito mais à base histórica do partido republicano.

Para ser bem claro: não estou sugerindo que o conservadorismo seja reduzido a uma afinidade pelo Sul. Mas creio que os conservadores ainda não fizeram um reconciliação séria com o papel da raça no pensamento conservador ou história dos Estados Unidos. Um livro importante sobre esse assunto ainda está para ser escrito.

### **Gabriel Trigueiro**

Apesar dos Estados Unidos ainda serem, na primeira metade do século XX, um país majoritariamente protestante, há uma “relação especial” entre o crescimento do catolicismo americano, nos anos 1940 e 1950, e o surgimento da tradição conservadora. Você poderia falar um pouco sobre isso?

**Samuel Goldman**

25

Durante seu primeiro século de existência, os Estados Unidos eram vistos como um país protestante. Quando as pessoas queriam “conservar” suas instituições e hábitos, significava que queriam defender o protestantismo contra a subversão católica, e, em menor grau, judaica. Esse instinto pode ser retraçada até os puritanos, que viam o Papa como um potencial anticristo. E uma das reivindicações da Declaração da Independência contra o Rei é que ele havia estendido a tolerância a católicos na província de Quebec, o que os patriotas americanos enxergavam como uma ameaça a suas liberdades.

O anticatolicismo do pensamento americano começa a se moderar no começo do século XX. À medida que o industrialismo e o democracia de massa se tornavam cada vez mais suspeitos, o catolicismo passou a figurar como uma alternativa fundamental a todo o mundo moderno. Henry Adams foi um pioneiro dessa guinada. Apesar de ser um ateu descendente de puritanos, ele ofereceu uma descrição extremamente simpática da igreja medieval. De certa forma, é um retorno a Burke.

Algumas décadas depois, no entanto, muitas das principais figuras da resistência ao New Deal eram protestantes. Católicos eram em sua maioria democratas e apoiadores de Roosevelt. Havia uma vertente Católica populista, representadas por figuras como o Padre Coughlin. Mas não era algo exatamente conservador. Desconfio que seja porque o pensamento Católico não seja tão desconfiante do estado como a tradição anglo-protestante. Além disso, muitos católicos eram imigrantes ou descendentes de imigrantes e dessa forma menos suscetíveis a argumentos de autoajuda.

Portanto é um pouco surpreendente constatar o grande número de católicos entre os fundadores da National Review. A razão, creio, é que a educação católica era muito mais abrangente do que o protestantismo convencional – e logo parecer ser uma clara e igual alternativa ao comunismo. A dramática conversão de Whittaker Chambers’, relatada em *Witness*, é um símbolo.

Mas o protestantismo evangélico era mais característico do baixo escalão do movimento conservador. Ao contrario de sua caricatura, não se tratava de fundamentalismo provinciano, mas da fé dos subúrbios do Sunbelt [faixa de estados do Sul americano, da costa leste à oeste]. Os Católicos, por sua vez, continuavam sendo liberais e democratas. John F. Kennedy ainda era atacado como agente do Papa em plenos anos 1960.

Essa distinções mudaram com a emergência da direita religiosa. Apesar de ter sido liderada por protestantes carismáticos, como Pat Robertson, nos anos 1980 conservadores ainda estavam tentando construir alianças entre Cristão tradicionais de todas as denominações. As figuras chaves eram o Richard John Neuhaus (um católico) e o assessor de Nixon, Charles Colson.

Socialmente, o tema chave era o aborto. O sucesso eleitoral de Reagan entre “brancos étnicos”, em sua maioria católicos, foi outro fator importante.

O resultado hoje é que basicamente qualquer pessoa branca que vai à igreja regularmente vota em republicanos. A muitas delas se autodenominariam conservadores. Isso vale tanto para católicos como protestantes. Por outro lado, negros continuam sendo religiosos e democratas. Portanto não é o cristianismo apenas que determina o comportamento político.

Judeus, por sua vez, possuem uma posição ambíguo no movimento conservador. Apesar de bem representados entre intelectuais conservadores desde a Segunda Guerra Mundial, eles raramente apoiaram políticos conservadores em números expressivos. Alguns judeus conservadores esperam que isso mude no futuro, à medida que o perfil demográfico da população judaica aponte para a ortodoxia e os progressivos se tornem menos simpáticos em relação a Israel. Mas não contaria com isso. Como asiáticos do sul e extremo oriente, os judeus possuem várias características que parecem “encaixar” no conservadorismo, mas eles fortemente desconfiam da ênfase conservadora tradicional no cristianismo como base da vida americana.

26

### **Gabriel Trigueiro**

Quais são os principais desafios do conservadorismo americano hoje? E quais são suas recomendações?

### **Samuel Goldman**

Um desafio é oferecer soluções para os problemas de hoje, que incluem o colapso de famílias, a estagnação dos salários, a automação do trabalho e o custo crescente da moradia e da educação. Muitos conservadores sentem nostalgia pela era de Reagan. Isso os leva a oferecer soluções dos anos 1980s para os problemas de hoje.

Ao mesmo tempo, creio que conservadores devem reconsiderar sua relação com a política. Uma diferença entre Buckley e Kirk era que Buckley estava mais interessado em vencer eleições, enquanto Kirk queria descobrir como preservar virtudes privadas e tradições culturais. O objetivo mais importante para conservadores deve ser viver uma vida conservadora, aproveitando família, educação, religião e assim em diante. A política é uma forma se assegurar esses bens – e não um fim em si.

### **Cite esta entrevista**

GOLDMAN, Samuel. Entrevista conduzida por Gabriel Romero Lyra Trigueiro. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, Vol. 6 | N. 1, pp. 5-15, dezembro 2015. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>.